



Unidade pastoral

Nº 504 - I Série - Domingo da Páscoa da Ressurreição - Ano C - 17 de Abril de 2022



Primeiro dia

Ainda parecia escuro aquele primeiro dia da semana e já a luz da Ressurreição tinha vencido as trevas da noite. Para Maria Madalena nunca era cedo demais quando se tratava de estar com Cristo, o seu Salvador. A alegria da vida nova, o amor tecido de gratidão, o perfume da santidade depois da cura e libertação de sete espíritos malignos, atravessam agora o vazio da ausência. Não encontra Aquele que a fez encontrar. Maria Madalena tinha vivido a paixão e a morte de Jesus, — ao contrário de Maria, Mãe de Deus —, no meio de grande agitação, sem descanso e sem paz. A Virgem Mãe atravessara o deserto daquele Sábado Santo revestida de esplendor, como Arca da Nova Aliança, cheia de graça, inundada de esperança. Mas a alma da Madalena esvaia-se na aridez mais deserta que o deserto. E eis a maravilha: procurando o seu Senhor, encontrará Nosso Senhor. Procurando o Corpo de Cristo, não sabe onde O puseram, mas descobre que um dia O poderá receber em Primeira Comunhão. O primeiro dia da semana inaugura o Céu eterno. Bem-aventurada Maria, apóstola dos Apóstolos: visitada por Cristo Vivo, cujos pés tinhas ungido, a ti devotamente os estreitas e veneras, naquele primeiro dia da semana, vendo agora em paz as luminosas chagas que beijaste.

Pe. António Figueira



18, Segunda-Feira da Oitava da Páscoa

At 2, 14. 22-33 | Sal 15 (16) | Mt 28, 8-15

19, Terça-Feira da Oitava da Páscoa

At 2, 36-41 | Sal 32 (33) | Jo 20, 11-18

20, Quarta-Feira da Oitava da Páscoa

At 3, 1-10 | Sal 104 (105) | Lc 24, 13-35

21, Quinta-Feira da Oitava da Páscoa

At 3, 11-26 | Sal 8 | Lc 24, 35-48

22, Sexta-Feira da Oitava da Páscoa

At 4, 1-12 | Sal 117 (118) | Jo 21, 1-14

23, Sábado da Oitava da Páscoa

At 4, 13-21 | Sal 117 (118) | Mc 16, 9-15

24, DOMINGO II DA PÁSCOA ou da

Divina Misericórdia – Ano C

At 5, 12-16 | Sal 117 (118) | Ap 1, 9-11a. 12-13. 17-19 | Jo 20, 19-31

«CRISTO, MINHA ESPERANÇA, RESSUSCITOU!»

Somos chamados a redescobrir e a acolher o anúncio confortador da ressurreição: «Cristo, minha esperança, ressuscitou!». Se Cristo ressuscitou, podemos olhar com olhos e o coração novos para qualquer evento da nossa vida, até para os mais negativos. Os momentos de escuridão, de falência e até de pecado podem transformar-se e anunciar um caminho novo. Quando tocámos o fundo da nossa miséria e da nossa debilidade, Cristo ressuscitado dá-nos a força para nos erguermos. Se nos confiarmos a Ele, a sua graça salva-nos! O Senhor crucificado e ressuscitado é a revelação plena da misericórdia, presente e activa na história. Eis a mensagem pascal que ressoa ainda hoje e que ressoará durante todo o tempo de Páscoa até ao Pentecostes.

Angelus, 28-03-2016



Teresa de Saldanha (+1916)

Teresa nasceu no Palácio da Anunciada, Lisboa, a 4 de Setembro de 1837 e no dia seguinte recebeu o sacramento do Baptismo. Com cinco anos de idade já seguia correntemente a leitura, no missal. Aos sete anos faz a primeira confissão e a 13 Abril de 1848 recebe a Primeira Comunhão, no altar de N. Senhora da Conceição, na Igreja dos Inglesinhos. Orientada pela mãe, recebeu formação no campo das letras e das artes. Nos escritos e pinturas irá exprimir a sua consagração total a Deus.

Teresa de Saldanha foi a primeira portuguesa a fundar uma congregação religiosa feminina, a das irmãs dominicanas de Santa Catarina de Sena, dedicadas a fazer o bem da ajuda ao próximo e da educação. Fê-lo em pleno século XIX, quando a Igreja era perseguida e as ordens religiosas estavam proibidas no país. Em vida já era considerada santa. Há jornais da época que falam dela dessa forma. Quando morreu, em 1916, houve uma grande manifestação de apreço pela sua vida e obra. Toda a gente queria tocar no seu hábito, tirar pétalas do caixão, foi um funeral enorme para aquele tempo. Vivia-se na I República, regime que a perseguiu e a obrigou a deixar a casa de família e a viver refugiada no seu próprio país. Teresa de Saldanha, completamente despojada dos seus bens, vê-se forçada a alugar uma pequena casa na Rua Gomes Freire, em Lisboa onde faleceu, a 8 de Janeiro de 1916.

Fazer da salvação do próximo, bem como da salvação pessoal, a grande tarefa da vida.

Beato Charles de Foucauld

